



DOMINGOS BEZERRA REZA EM FRENTE À IMAGEM DE NOSSA SENHORA  
ONDE MORREU O COLEGA QUE ESPERAVA UMA TRANSFERÊNCIA

## | SAÚDE PÚBLICA

Centro de referência no Distrito Federal padece com a falta de equipamentos e só faz cirurgias cardíacas em casos emergenciais

# S.O.S.

## Hospital de Base

Guaira Flor e Juliana César Nunes

Da equipe do **Correio**

O coração da saúde do Distrito Federal está a um passo do colapso. O Hospital de Base do DF (HBDF) enfrenta uma das crises mais graves dos seus 42 anos. O problema não se resume às filas e insuficiência de remédios. Agora, há o risco de morte por falta de material e equipamentos. No setor de cirurgia cardíaca, desde julho, os médicos só operam emergências. Com o corpo fragilizado pela espera de até seis meses, os pacientes entram na cirurgia com quatro vezes mais chances de sair com infecção hospitalar. Em abril, a falha provocou três mortes, segundo um memorando enviado à diretoria do Hospital e assinado pelo então chefe da unidade de cirurgia cardíaca, Luiz Carlos Schimin. O documento foi entregue ao Ministério Público do DF que pediu ajuda à polícia. As mortes serão investigadas pelo delegado Márcory Mohn, da 1ª Delegacia de Polícia. Ele chamará os principais responsáveis pela unidade para depor: Schimin, José Carlos Quináglio, chefe da cardiologia do HBDF e presidente da seção DF da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC-DF), e o cardiologista Augusto de Marco, funcionário do HBDF e diretor-científico da SBC-DF. A polícia também solicitará os prontuários e atestados de óbito dos pacientes.

Por enquanto, os médicos, enfermeiros e residentes preferem não citar os nomes das vítimas. Temem que os familiares não concordem com a divulgação. Mas, em entrevista ao **Correio**, contaram como aconteceu uma das mortes. A condição para a conversa foi manterem a identidade em sigilo. Segundo eles, uma das pacientes tinha 35 anos e estava internada há 40 dias por causa de entupimento em uma das válvulas do coração. A cirurgia de correção durou 2h30 e foi perfeita. Mas a paciente teve uma infecção hospitalar. Foi tratada com antibióticos e recebeu alta. Voltou para o hospital uma semana depois, num domingo, com infecção na garganta, causada pela queda na imunidade (sistema de defesa) do corpo. Na terça-feira, morreu.

A "fatalidade" é consequência direta da fragilidade física e emocional que atinge os pacientes depois de uma longa permanência no hospital, afirma um dos dez memorandos enviados pelos cardiologistas à direção do HBDF. De setembro do ano passado pra cá, o período mínimo de internação subiu de 30 para 60 dias. Na segunda semana deste mês, nenhum paciente foi operado. Em agosto de 2001, os dez médicos do HBDF realizavam 40 cirurgias por mês. Este ano, no mesmo mês foram feitas apenas oito. Entre as causas da diminuição estão a falta de antibióticos, aparelhos de monitoração e funcionamento precário de duas máquinas que mantêm o órgão bombeando sangue durante a operação.

Por medida de segurança, os médicos reduziram as cirurgias. "O jeito é esperar que os casos se tornem graves e os pacientes concorram a uma das vagas para as operações de emergência", lamenta José Carlos Quináglio, chefe do setor. Em outubro, a equipe suspendeu as 30 cirurgias pediátricas realizadas, em média, por mês. Um risco de vida para 500 crianças que nascem todos os anos no DF com problemas cardíacos. O perigo também ronda a saúde dos adultos. O aposentado Filemon dos Santos, 67 anos, por exemplo, esteve na lista de pacientes com cirurgias "adiáveis" durante três meses à espera de duas pontes de safena. "Não fizeram a operação. Está faltando tudo neste hospital", reclama. Preocupado, viajou há um mês para Goiânia na esperança de conseguir atendimento. Em uma semana, foi operado e passa bem.